"O Primeiro de Janeiro" - 9 de Julho de 1915.

CARTA DE LISBOA

As melhoras do sr. dr. Affonso Costa vão progredindo. Dizem varios medicos, com quem tenho falado, estar sumido o grande perigo. Parece ter havido precipitação nas informações que ao principio se déram sobre a fractura na base do craneo. Felizmente, não a houve.

Posto isto, que me daria alegria ainda até que esse homem publico fosse meu inimigo, limitarei a cronica de hoje á transcripção d'uma carta recebida. Não pude, por tratar de politica, publicar a que recebi datada do *ceu* e assignada *S. Pedro*. A de hoje tem interesse por versar uma questão litteraria. Eu confesso-o: não intendo ainda a prosa e poesia cubista, ou futurista, ou interseccionista, ou paulista. Transcrevi, indicando com escrupulosa lealdade as paginas, versos do *Orfeu* que é a biblia dos innovadores.

Recebi hontem um livro do sr. Mario de Sá Carneiro que teve a fina amabilidade de o offerecer a este cançado cabouqueiro politico, agora retirado ao seu gabinete onde lhe são desporto alguns livros de litteratura. O cerebro, já envelhecido, não se ageita por certo a concepções juvenis; semelha ave arrastando as azas e incapaz de se erguer ás claridades! Ao sr. Mario de Sá Carneiro, de quem vou lêr «Ceu em fogo» (e que todos que o conhecem me dizem ser muito intelligente e com verdadeiro fôlego de homem de letras), declaro franca e tristemente a minha caducidade.

Nunca me aforei nas prosapias de homem de letras. Assim o affirmo tambem ao interessante João de Neiva, signatario da carta que vai lêr-se. Lembre-se João de Neiva de que estas cronicas, sem a menor sombra de pretenção litteraria, são escriptas todos os dias, a trôxe-môxe, entre dôres fisicas por muitas vezes, em recantos de hospedarias e rebôrdo de mesas de clubs, e que até não raro as aleija a impossibilidade da revisão? Attente n'estas circunstancias. E, confessado que os meus olhos fatigados e grosseiros não tém força de absorver a luz faiscante, relampagueando fogo, da poesia novissima—não posso levar mais longe a humildade!—transcrevo a carta que pode destecer as trevas de cerebros ainda juvenis e fogosos e engrossar as legiões sagradas do cubismo.

«*Senhor*...—Eu tenho uma grande estima por v. Por isso não sei esconder-lhe que me desagrada vêr tão ligeiramente tratado, n'uma ironia facil, esse grande movimento de arte que a revista *Orfeu* simbolisa.

«Estamos em férias. Cuido que, portanto, não lhe roubarei agora muito tempo, atrevendo-me a dizer-lhe desenfadadamente, o que pretendem esses moços poetas, sobre que v. despeja as mais agudas settas da sua aljava.

«Como no fim do seculo XVIIII e nos primeiros annos do seculo XIX, a litteratura procura hoje, n'uma ancia cheia de inquietude, romper entre os escombros d'uma civilisação gasta, a estrada nova por onde, d'olhos contentes, os homens possam atravessar a vida, como nos misterios Eleusikos, cantando cercados de rosas...

«Esta ancia do original provoca da parte de alguns moços artistas estudos ou poemas que, do grande publico passando despercebidos ou escarnecidos, merecem todavia que sobre elles pouzemos a nossa attenção, ao menos por um momento, porque sempre da vida múltipla deixam sentir um novo aspecto, ignorado ainda.

«Segundo uma formula celebre que v. conhece, a litteratura é a expressão da sociedade. Ao principio, simples, nobre, familiar, ella vai gradualmente tornando-se complicada e diversa. E Taine póde mesmo dizer que, mais do que a expressão da sociedade, a litteratura era a sua descripção. As *Fabulas* de La Fontaine mostram-nos todo o seculo de Luiz XIV, e a monarquia de julho vive inteira nos livros de Balzac.

«Um tempo de doentios amores, em que as noites se gastavam ao luar albente, entre ciprestes, nas alamedas dos cemiterios, evocamol-o hoje, em todos os seus delirios, com a leitura do *Noivado do sepulcro*!...

«A mocidade contemporanea é bem a expressão do nosso tempo confuso. Uns, sob a direcção dogmatica de Charles Maurras, voltam-se para o Passado, e até sob o ponto de vista litterario preconisam a necessidade de retomar a tradição greco-latina, isto é, a clareza, a simplicidade, a disciplina dos escriptores do seculo XVII.

«A este equilibrio das faculdades criadoras oppõe-se em França o grupo de Nicolas Beaudin e Jean Thogorna, procurando fundir n'um élan unico a paixão dos romanticos e as altas preoccupações idealistas dos simbolistas. Mas o poeta abandona aqui a sua Torre de Marfim, não vem mais dizer-nos suas agonias interiores,—vem cantar a febre e a paixão das cidades modernas, o impetuoso resfolgar das fabricas e os roncos dos motores; as moedas d'oiro tinindo aos balcões dos bancos ou o passo cavo, enchendo o ar de rumores d'aço, dos exercitos que partem para a guerra...

BNP

(continuação)

«Tudo o que exalta o espirito, e é audaz e é forte e é heroico, os entusiasma. São como elles se classificam, os misticos da dominação; e á sua Arte, a que alguem chamou Paroxismo ou Imperialismo estetico,—preoccupada mais da linha do que da côr, mais do ritmo que da imagem—só falta o amor-de-destruir para se integrar na corrente futurista.

«Os elementos essenciaes da poesia dos discipulos de Marinetti são tambem o perigo, a energia, a temeridade, o valor. Assim, emquanto que a antiga litteratura glorificava a immobilidade pensativa, o extasis e o sonho, elles exaltam o movimento aggressivo, a insomnia febril. Mais bello que a *Victoria de Samothracia* é, segundo os novos canones, um automovel de corrida. E glorificando a guerra,—unica higiene do mundo—, a acção destructora dos anarquistas e as Idéias que matam, pregam elles, com o desprezo á Mulher, a demolição dos muzeus e bibliotecas!

«E' na pintura, porém, que os principios esteticos d'esta escola tiveram melhor e mais perfeita realisação. Filha do impressionalismo, que fizera exclamar a Claude Monet: *J'aimerais peindre comme l'oiseau chante,* a pintura futurista quer reflectir uma nova sensibilidade centuplicada, de maneira que o quadro seja uma sintese do que se vê e do que se recorda. Para isso procuram dar a *sensação dinamica,* ou seja o ritmo particular de cada objecto. D'aqui, confrontando harmonicamente os principios do Futurismo com o Paroxismo, nasceu a pintura dos *estados de alma,* que os poetas do *Orfeu* realisam em combinações barbaras de sons, penetrando assim a Alma universal, na ancia de buscar a concepção cosmica em que se agita o problema dos destinos.

A poesia lirica, ao menos tal como a concebiam os seus antigos adeptos, morreu definitivamente. Não mais os bardos se deixarão tomar do calmo sonho egotista em que materialisavam os seus sentimentos, n'um balbuceio que ninguem saberia dizer se era ainda pueril ou seria já senil.

«Ao poeta moderno compete exaltar a vida, servindo-se para isso do verso numerico acentuado, em que a frase concisa e harmoniosa guarda toda a sua liberdade, como se fosse um trecho de prosa nervoso e colorido.

«Verhœren foi o primeiro que introduziu na poesia as fórmas contemporaneas da Vida, as cidades tentaculares, os vicios, as alegrias e as miserias sociaes. O gosto da tristeza, suave e doce, feito de sonho e de silencio, a sua ternura subtil, as *inflexions frêles* que dominam as obras de Maeterlinck e Rodenbach, tomam em Verhœren o ardor pagão das *charnelles tendresses.* O poeta não canta mais as almas amoraveis dos pastores, nem as doçuras do campo quando a Madrugada, soltos os cabellos d'oiro e de luz, nua e radiosa como uma ninfa, enche a terra d'aromas e de desejos; e menos canta os crepusculos em que as noivas tristes, á borda das aguas melancolicas, viam morrer o sol, languido e sangrando como o seu coração...

«Verhœren conta os sentimentos grosseiros e brutaes dos camponezes, o seu ingratissimo trabalho, as festas, as orgias, o prazer do vinho e os doentios esquecimentos do alcool.

A preoccupação do Amor deve na poesia moderna ceder o logar á interrogação do Misterio, de maneira a elle ficar sob os nossos olhos, transparente e inquieto como um veio d'agua ao crepusculo.

«A poesia do *Orfeu,* deixando de lado as considerações d'ordem puramente sentimental, descende em linha recta da poesia de Verhœren. E' assim que ella se affirma entusiasta, constructiva, heroica, rude por necessidade, e portanto, por necessidade, barbara.

«N'esta suprema hora viril da Historia, em todos os dominios se manifestam audacias e affirmações fecundas, que originam com a Acção o desejo do Mando, e criam, com o culto da Força, a febre e a paixão da Vida. Todos os gritos, os mais diversos rumores da sinfonia moderna, vém ecoar na rêde múltipla das nossas veias, como os pensamentos que atravessam as Cidades na viajem aérea dos Fios. D'ahi se origina a exaltação constante em que vive o espirito d'esses Poetas que v. cobre de mofa.

«De resto, não me parece que elles devam ser tratados tão levianamente, ainda mesmo que tivessem dado á Arte uma interpretação erronea, porque todo o erro é uma verdade exagerada. E o exagero, segundo José de Maistre, é a mentira das pessoas honestas.—De v., *João Neiva.*»

Pode ser que então seja um iniciado. Abro, agora mesmo, o livro «Ceu em fogo». E' pagina 176. Não tenho tempo para, agora, n'este momento, lêr mais. Encontro:

«Em nostalgias—Docel,
Tenho saudades—Pekinie,
Reminiscencias—Brocado...

Presinto um grande Misterio...
Alvejo-me em côr e som...
Arnezes, lanças, Rogerio!...

Eu tambem gostava de chamar pelo Rogerio que traz arnezes e lanças. Mas, quem é o Rogerio?